

resposta, que depois submeteria á apreciação e aprovação dos aliados.

E se estes não a aprovarem? A Inglaterra responderá aos seus aliados que cada um sabe de si e Deus sabe de todos e tratará directamente e isoladamente com a Alemanha.

C. M.

Revista das revistas

A comedia do regionalismo, os novos barões e mais coisas igualmente saborosas--A «Alma Nova» e os seus n.^{os} 4 a 6 da III série

Com o dobar lento dos anos e mercê d'um processo de resurreição no qual se encontram igualmente dobradas a lição amarissima da experiencia e as invenciveis características proprias, a gente culta da nossa terra tem ido recobrando pouco a pouco o antigo e perdido gosto pelas nossas coisas, não sendo hoje vulgar o toparmos alguém que d'elas desdenhe. Bem sei, e ninguém com isso nos dará novidade, que na moderna febre de portuguesismos, de interiores trastejados á antiga, de mantas serranas, de lenços sarapantões e de mobílias pinturiladas ingenuamente de florinhas rudes, ha uma formidavel, uma tristissima exhibição de torpe snobismo, havendo muito individuo cheio de têres que dá a todos os diabos um raio de moda que o impede de trastejar em estilo brasileiro-rico, ou Portas de Santo Antão, a sua moradia e o obriga a dispendir um rôr de contos de réis na compra dum contador sofrivelmente D. João V, dum Chipendale impossivel, dum leito vasto como um oceano e falso como Judas ou de cestos e tapetes regionaes cuja beleza não comprehende, e cuja significação o espirito desnacionalizado lhe não ex-

plica. Lá bem no intimo e depois de a darem vinte vezes ao diabo, esses individuos nutrem a esperança de que a moda ha de passar, indo toda a caqueirada — como eles lhe chamam — para os esconsos sotãos e desvãos da casa, operando-se nesse dia a triumphal resurreição dos impossiveis estilos para cá exportados pela Inglaterra e Alemanha modernas: será entre essas almas de financeiros o dominio resurgido das madeiras claras com espelhos facetados e majolicas estridentes, do mobiliario estilo hospital, das bugigangas Mandarin Chinez com um rapazinho de chapéu desabado a pescar num tanque de vidro um peixe vermelho. Grande dia esse para a alma dos ricos fartos de tradicionalismo, de regionalismo, de mobiliarios D. João V ou Luiz XVI, de comodas de barriga ou de tapetes de lã forte!... Por enquanto estamos na fase da aspiração ao baronato: atraçoada a monarquia em 1910, feitas grossas maquinas á custa da republica, vieram as comodissimas desilusões, começou-se prégando á necessidade do retorno ao antigo e, por um fenomeno de psicologia simiesca fastidioso de expôr neste momento aqui, tomou-se falsamente ao pé da letra o que em boa verdade se não deveria confinar em integral e hipocrita resurreição mas antes em conscientes e sábias adaptações. No intimo, esses individuos que dispendem fortunas na aquisição dum hipotetico interior setecentista não comprehendem absolutamente nada do que estão fazendo, não teem gosto, não teem sentido portuguez e obedecem á moda. A sua alma não lhes segreda por forma alguma a necessidade da tradição como base de progresso: esse interior carinhoso e patriarcal não lhes evoca um Portugal melhor e maior, em arte, em gloria, em virtudes, não teem o culto do lar e da familia, o amor da terra e culto das crenças antigas. São os novos barões, os novos frequentadores de Cascaes e dos Estoris, passando a vida nos clubs, exhibindo as esposas pingando diamantes sob decotes até aos quadris, os mesmos futuros barões que entronisam em casa o Coração de Jesus e festejam depois a piedosa cerimonia com uma copiosa ceia e baile; os mesmos que barafustam contra a desmoralisação da republica, se dizem orgulhosamente monarchicos e andam de braço dado com

todos os arrivistas republicanos para o desfrute da pítanção fornecida pela Grande Negociata Republicano Talassa. Se o regime dêr amanhã um estoíro que nem uma castanha num magusto, e o sr. D. Manuel — por mal dos seus pecados e das suas apreciadas comodidades — fôr obrigado a vir constitucionalmente. desgovernar o paiz, primeiro que o mate a bomba de qualquer assassino, entrará na fase da loucura mansa por ter tido que assinar tantas cartas de baronato. Deus tenha o sr. D. Manuel por muitos anos e bons no seu comodo e apeteçido exílio dos clubs de Londres. Os nossos barões que lindamente se governaram com a Republica e a ajudaram a enlamear-se mais do que eram as tendencias d'ela, esses senhores almejam pela vinda do sr. D. Manuel mas para ele governar com a Carta do idiota mais que era o sr. D. Pedro IV, querem um baronato ou um aviskonçalhamento, um brazão e partidos politicos que lhes permitam oratoria do Pinheiro Maluco ali p'rós lados da Estrela. O seu amor pela terra portuguesa e pelas suas coisas, a sua crença religiosa, o seu devotamento ao monarca exilado não passam d'ascorosa hipocrisia. São manequíns velhos e emproados, largando linhas pelas costuras: amanhã serão barões e Pares do Reino traindo ruidosamente a Patria que os atura e o rei que os fez: a sinceridade do seu desejo de resurreição nacional corre parelhas com a do seu b.í.c-á-braquismo. Se neste paiz houvesse humoristas republicanos com miolos na cabeça de ha muito que se teria acabado com a nova raça dos barões. São eles que estão ajudando a matar a republica e amanhã a hão de pôr á cabeceira do sr. D. Manuel como espantalho gerador de noites brancas e aterradas...

Mais dois anos de barões e amanhã o sr. D. Manuel se adrega de cá pôr o seu pé timorato nem a alma depois se lhe aproveita. Garrett seria da mesma opinião: por mim, e com a devida venia, acho mesmo que, mais dia menos dia, o monarca ha que ir busca-lo ao bucho dos barões.

Vem isto a proposito de lhes dizer que, salva a excepção ridicula dos barões, o movimento de nacionalisação é enorme e que nos não devemos deixar vencer pelo scepticismo

se vamos topar com os papagaios a badalarem o seu impossível regionalismo. Se em muitas cabeças ôcas vamos encontrar uma hipocrisia que nos revolta, se para muita creatura a resurreição de Portugal se resume no indesejavel retorno a um regime que caiu muito bem no ano da graça de 1910, e no trastejamento da casa com toda a casta de mônos e mamarrachos que a ladroeira das Invasões francesas ou dos delegados dos museus por cá esqueceram, no povo e nas classes medias nota-se um gosto pronunciado pelas nossas coisas e pelo regresso a instituições e costumes que o Liberalismo sepultara sob camadas successivas de fancaria e estrangeirismos varios. Os portuguezes sinceros poderão ser ainda republicanos: monarchicos constitucionaes é que não é facil!... Mas, passando do campo da politica para o das artes e dos costumes, é interessante verificar no teatro, no romance, na poesia, nos jornaes e nas revistas d'arte e literatura, o gosto pelas coisas portuguezas que invadiu essas manifestações da nossa actividade. Quasi não ha revista que não toque o bordão do nacionalismo: as coisas mais humildes merecem-lhe cuidadosos estudos cheios de carinho e de amor: eu poderia citar aqui exemplos sobre exemplos d'essa mania benefica — se assim me posso expressar; já ha dias aqui falei da *Terra Portuguesa* a cuja obra rendi oa merecidos elogios, e da *Revista das Beiras*; varias outras terei um dia ocasião de citar e a cujo afincado empenho se deve uma boa parte do exito da campanha de reaportuguesamento da nossa terra. Hoje cabe-me falar da *Alma Nova* que já vae no seu oitavo ano de existencia e na qual um punhado de rapazes cheios de boa vontade teem lutado esforçadamente a favor da campanha em questão. Este numero que tenho presente é mesmo cheio de interesse porque — e ainda bem! — os rapazes da citada revista não abstraem da politica no bom sentido e não fazem gala d'um desprezo que nada justifica. Achei curiosos os reparos que o sr. Santa Rita opoz ao *Apelo á Nação* lançado pelo grupo da SEARA NOVA e nos quaes encontro um bom senso pouco vulgar: são cheias de interesse as paginas que o sr. J. Ferreira Neto dedica ao Algarve e ás soluções que o fomento provincial poderia trazer á crise

